

O tempo romanesco na micro-história de um moleiro perseguido pela Inquisição

André Luis Mitidieri-Pereira

Resumo

O presente artigo discute as relações entre história e literatura na obra do historiador Carlo Ginzburg intitulada *O queijo e os vermes*. Privilegia-se a articulação do tempo narrativo, pelo uso de estratégias semelhantes à da criação literária nesse trabalho de historiografia, que se volta sobre o processo inquisitorial sofrido por Domenico Scandella, vulgo Menocchio, durante o século XVI italiano.

Palavras-chave: Ginzburg. História e literatura. Micro-história.

Carlo Ginzburg lançou na Itália, em 1966, *Os andarilhos do bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*.¹ Quando estava pesquisando para escrever este livro sobre os *benandanti* e seu ritual de fertilidade, encontrou o processo que continha longa sentença contra Domenico Scandella, vulgo Menocchio, acusado de sustentar que o mundo teria origem na putrefação.

Em torno desse sujeito e de suas idéias, o historiador italiano compôs *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*, publicado na Europa em 1977.² No contexto de reelaboração teórico-metodológica da nova história, o pensamento de Ginzburg sobre as

* Doutorando em Letras (PUCRS). E-mail: andremiti@ibest.com.br

relações entre inquisidores e camponeses parece ter se desviado do eixo da história das mentalidades – presente na sua primeira obra – para a órbita da micro-história.³

Ao conflito social, afastado das *Mentalités*, juntou-se o conceito de cultura, no que este traz de próprio às classes subalternas, em dado período histórico. O tempo abarcado pela pesquisa sobre Menocchio, nascido na pequena aldeia italiana de Montereaale, no Friuli, mostra que as reflexões desse moleiro remetem a um ideário disperso na cultura oral camponesa, da mesma forma que se relacionam com as de grupos intelectuais da época estudada, em conformidade ou discordância ao pensamento ali hegemônico.

No ambiente de disseminação da imprensa, da Reforma Protestante e da Contra-Reforma Católica é que se desenvolveu o caso do ser histórico delatado ao Santo Ofício em 28 de setembro de 1583, por haver pronunciado “palavras heréticas e totalmente ímpias sobre Cristo”.⁴ A narrativa estende-se desde tal denúncia à execução do moleiro, em fins de 1599.⁵

As investigações foram abertas no mês de outubro de 1583, em Portogruaro, prosseguindo em Concórdia e na própria Montereaale. Os interrogatórios desse processo ocorreram nos dias 7, 16 e 22 de fevereiro, 8 de março, 28 de abril e primeiro de maio de 1584.

No dia 17 do mesmo mês, os juízes emitiram a sentença que considerou Menocchio um heresiarca, determinando, entre outras coisas, que ele permanecesse o resto da vida no cárcere, à custa dos filhos.

Em 18 de janeiro de 1586, um desses filhos, chamado Zianuto, apresentou uma súplica escrita pelo próprio condenado. Foi assim que o moleiro conseguiu sair da prisão de Concórdia para a aldeia de Montereaale, que se converteria em seu cárcere perpétuo. Em 1590, veio a ser nomeado, outra vez, administrador da igreja de dita povoação. Se, em 1593, Menocchio tinha uma dívida para com a paróquia local, em 1595 seu prestígio entre os conterrâneos permanecia intacto, tanto, que ele pôde alugar um novo moinho, junto com o filho Stefano.

No ano seguinte, o moleiro encontrou-se com Lunardo Simon, com quem praticou algumas de suas “heresias”, de modo que o fato chegou ao conhecimento do vigário do inquisidor. Em 1597, foi autorizado a deixar Montereaale, no entanto não teve como fugir, por ter um amigo seu como fiador. Em 28 de outubro de 1598, começaram a ser recolhidas novas informações sobre o réu, que, no fim de junho de 1599, foi confinado no cárcere de Aviano e, depois, trasladado para Portogruaro. Em 12 de julho do mesmo ano, ele compareceu diante do inquisidor, sen-

do submetido a novo interrogatório no dia 19 de julho; em 2 de agosto, a Congregação reuniu-se, declarando Menocchio reincidente; em 5 de agosto, submeteram-no a tortura para delatar possíveis cúmplices; entre 14 de agosto e 13 de novembro, consumou-se a condenação do “heresiarca” à pena de morte.

Apesar da majoritária concentração no período compreendido entre os dois processos, a história narrada dá conta de fatos anteriores da vida do moleiro, como seu nascimento em 1532 e o exílio em Arba, no ano de 1564; a tomada de empréstimo do livro *Il cavalier Zuanne de Mandavilla*, em 1577 ou 1578, e a mudança da sua paróquia de confissão, em 1579.

Também anterior ao tempo⁶ analisado microscopicamente por Ginzburg é o surgimento das dúvidas de Menocchio quanto à virgindade de Maria, em 1581 ou 1582; do mesmo modo, a assunção do “herege” ao cargo de magistrado da aldeia e dos vilarejos vizinhos, bem como ao de administrador da paróquia de Montereale, em 1581. A leitura informa ainda que, posteriormente, o referido sujeito teria lido *Il sogno dil Caravia*. Essa referência indica que o historiador esteve atento às faculdades de concretização do leitor, conforme tratadas pelas teorias literárias da recepção e do efeito.⁷

Além disso, Ginzburg dá a conhecer algumas histórias segundas,

importantes para a compreensão da cosmogonia do ser histórico retratado n’*O queijo e os vermes*. Entre tais narrativas destaca-se a prisão do herético Paolo Ricci, em 1540, por andar subvertendo os camponeses de Modena. No mesmo conjunto, situam-se os “profetas visionários, pregadores ambulantes que entre o fim do século XIV e o início do século XV tinham proclamado estranhos vaticínios”.⁸

Ainda como histórias secundárias aparecem: a) uma tentativa de relato, em 1550, por um profeta beneditino, das verdades que Cristo lhe teria revelado; b) o aprisionamento, em 1557, de alguns artesãos de Porcia, que se reuniam para falar da renovação da vida; c) a descrição do herege Nicola de Porcia, feita por Fulvio Rorario em 1571; d) o julgamento do pároco Giovan Daniele Melchiori pelo tribunal da Inquisição de Concórdia, em 1579-1580.

Outras informações datadas são fornecidas em decorrência da sua conexão com a trajetória do pensamento e das leituras do moleiro, como a produção, no final do século XV, do *Supplementum Supplementi delle Cronique*, por Jacopo Filippo Foresti, e a morte desse escritor, em 1520. Essas informações sinalizam a noção de simultaneidade temporal, segundo a formulação de Jacques Derrida, a partir do pensamento desenvolvido pelo filósofo alemão Martin Heidegger.⁹

As cartas enviadas por Américo Vespucci a Lorenzo de Médici, no início do século XVI, e a de Erasmo a Martim Butzer, em 1527, operam como suplementos, no sentido derridiano, confirmando que o passado está sempre por ser feito. Do nosso passado – que seria o presente, mas também o passado de Menocchio –, provém um esboço de historiografia literária e de história da leitura.

Contudo, em vez de estabelecer uma interdisciplinaridade perniciosa, Ginzburg estabelece um diálogo transdisciplinar entre a história e a literatura,¹⁰ situando a publicação do livro *Il sogno dil Caravia* em 1541, e a introdução, na Itália, da obra *De trinatis erroribus*, de Servet, por volta de 1550. O historiador, igualmente, localiza a publicação do livro *Mondi*, de Anto Francesco Doni, em 1552, e o aparecimento do poema *Settenario*, do camponês De Lucca, aproximadamente em 1564.

A hábil articulação do tempo narrativo ainda convoca o processo impingido ao moleiro Pellegrino Baroni em 1570, pelo Santo Ofício de Ferrara. Inseridas na própria micro-história do moleiro, ou deslocadas para o seu pretérito e também ao seu futuro, tanto as histórias secundárias quanto as intermedialidades e transdisciplinaridades anunciadas não deixam de dialogar com a história das mentalidades,

da qual o micro-historiador pareceria afastar-se.

A ampliação da história principal, quanto ao tempo e ao espaço, dá-se por intermédio da inserção do cerco aos Cáturos em 1192, na cidade de Modena, e igualmente pelo chamamento, ao espaço textual, de um período compreendido entre 1420 e 1599, dando ciência, em breves páginas, da dominação de Veneza e sua inter-relação com os camponeses da região de Friuli. Semelhante ocorrência é verificada quando se trata da abertura de uma escola gratuita em Udine, no início do século XVI.

Nota-se uma progressão a meados do século XVII quando é arrolado o assombro dos jesuítas diante dos guardas de rebanhos dos campos de Eboli, que estavam isolados do conhecimento de Deus. Nessa linha, a confirmação da morte de Menocchio é veiculada em 16 de julho de 1601, por Donato Serotini, que disse ter estado em Poderdone “pouco depois de haver sido justificado pelo Santo Ofício [...] o Scandella”.¹¹

O tempo narrativo não demonstra absoluta correspondência entre a ordem de disposição dos eventos no discurso e sua sucessão na história, especialmente concentrada entre 1584 e 1599, anos em que Menocchio foi interrogado, preso e executado. A configuração cronológica é quebrada no momento em que são repetidos e reiterados os

depoimentos e as arguições necessários ao confronto com outros discursos, assim organizados para a minimalista filtragem operada por Guinzburg. Isso também se verifica ao serem introduzidas anacronias temporais, que, antes de provocarem movimentos progressivos ou regressivos, e embora também o façam, mais se vinculam à tentativa de desvendamento do circuito das idéias da personalidade histórica em foco. Os marcos temporais são, via de regra, explicitados e, quando isso não ocorre, o historiador assinala a imprecisão em expressões como: “cerca de”, “40 anos antes”, etc.

Todas essas peculiaridades tornam o discurso mais veloz do que o esperado de uma narrativa histórica, fato reforçado pela ausência de notas explicativas no corpo do livro. Ao deslocá-las para o final do texto, o autor tem em mente a leitura do leigo e a leitura do especialista. Desse leitor espera-se que consulte as fontes e retorne ao espaço textual tantas e quantas vezes exigir a composição de seu estudo.

Nesse propósito, a articulação do tempo é subsidiária à revelação dos fundamentos da micro-história no particular caso de Domenico Scandella, em determinado local (Montereale) e num tempo específico (o século XVI), minimamente recortado em quinze anos, mas também entendido em suas macro-relações. Quando o microscópio se converte em telescópio, o confuso siste-

ma teórico desenvolvido por Menocchio é realocado na órbita do seu cotidiano camponês, da tradição religiosa semi-pagã, dos dogmas da Igreja Católica e dos preceitos de outras religiões, como a Luterana.

Ginzburg, como visto, utiliza-se de referências da história da literatura para abordar os livros que compuseram o *corpus* da cosmologia de um ser que longe estava de ser gênio. Da mesma forma, toma ensinamentos da teoria literária na formação do seu método de abordagem, dando crédito ao estudo de Mikhail Bakhtin sobre François Rabelais e a cultura popular da Idade Média e da Renascença.¹²

Ainda podem ser desvendadas nesta obra de historiografia algumas reflexões da teoria literária, de cunho estruturalista e pós-estruturalista, notadamente, na discussão da memória e do esquecimento, assim como na articulação do tempo narrativo, a substituir a linearidade pela simultaneidade. Dessa forma, algumas ausências do passado se fazem presentes na marca d'água de uma narrativa confrontadora, que, sem dúvida, vem sendo legada ao futuro, desde a sua desafiante escritura à excelente recepção que obtém, de segmentos sociais os mais variados.

Ao concentrar a sua observação em uma escala de tempo e espaço reduzidos e ao perquirir intensivamente o material dos interrogatórios, dando

a conhecer um fato que não havia sido analisado, o historiador põe a nu, ainda que por meio de intermediações e construções discursivas, uma parte do circuito cultural camponês do Friuli e da cultura popular européia à época da Renascença.

A construção e a interpretação dessa narrativa, como outras, precisa ser considerada no âmbito de um determinado grupo de leitores, pois, como pontua Heidrun Krieger Olinto, construir e interpretar “não são fruto de associações subjetivas, mas situam-se em esferas públicas onde são discutidas e justificadas em relação a convenções inscritas numa tradição e inseridas na instituição literária”.¹³

Reiterando a sustentação de que *O queijo e os vermes* adentra nos domínios da micro-história, o presente trabalho conflita com o paratexto da edição brasileira dessa narrativa histórica, no qual Renato Janine Ribeiro a inclui no terreno da história das mentalidades. Embora não prescindia de um profícuo diálogo com essa abordagem, bem como com a história do cotidiano e a teoria literária, o estudo sobre o pensamento de Menocchio resulta, mais propriamente, de um labor que “não deveria levar à rejeição das generalizações históricas; deveria, sim, levar a repensá-las”.¹⁴

Abstract

This article aims at discussing the possible relations between History and Literature, as they can be seen in Carlo Ginzburg's book *O queijo e os vermes*. [*The Cheese and the Worms*]. Articulations of the narrative time are put in relief, through the author's use of narrative strategies, which are very similar to those ones manipulated by writers of literary creations. Nevertheless, this work of historiography focuses the inquisitorial process suffered by Domenico Scandella, best known by the nickname of Menocchio, during the 16th century in Italy.

Key words: Ginzburg. History and literature. Micro-history.

Notas

- ¹ GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ² GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução por Maria Betania Amoruso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ³ Tendo em Carlo Ginzburg um de seus consagrados representantes, a micro-história assinala-se, principalmente, por intercambiar experiências com as ciências sociais, reduzir a escala observável e estudar intensivamente o documento que toma por objeto em determinada pesquisa. Cf. LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p. 133-162.
- ⁴ GINZBURG, 1987, p. 38.
- ⁵ Quando casou Giovanna, filha de Menocchio, havia dois meses que esse falecera.
- ⁶ Sobre as articulações literárias do tempo narrativo, vide GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa*. Tradução por Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1986.

- ⁷ Ver melhor em: ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.
- ⁸ GINZBURG, 1987, p. 73.
- ⁹ Cf. DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 3. ed. Traduzido por Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- ¹⁰ Ao estabelecer as diferenças entre interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, Charles Feitosa esclarece que “entre, através e além de qualquer disciplina, a prática transdisciplinar supõe não a totalidade, mas a complexidade, a diversidade e a pluralidade intrínseca à realidade... Trata-se muito mais de uma atitude do que uma disciplina específica”. FEITOSA, Charles. O ensino da filosofia como uma estratégia contra a tarefa da interdisciplinaridade. In: KOHANM, Walter O. (Org.). *Filosofia: caminhos para seu ensino*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 87-99, p. 96.
- ¹¹ GINZBURG, 1987, p. 203.
- ¹² BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.
- ¹³ OLINTO, Heidrun Krieger. Letras na página, palavras no mundo: novos acentos sobre estudos de literatura. *Palavra*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 30, 1993.
- ¹⁴ GINZBURG, Carlo. O historiador globalizado. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 1º de setembro de 2002, p. 8. Caderno Mais!

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. por Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. por Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 3. ed. Trad. por Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FEITOSA, Charles. O ensino da filosofia como uma estratégia contra a tarefa da interdisciplinaridade. In: KOHANM, Walter O. (Org.). *Filosofia: caminhos para seu ensino*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 87-99.

GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa*. Trad. por Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1986.

GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. Trad. por Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. por Maria Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlo. O historiador globalizado. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. 8, 1º set. 2002. Caderno Mais!

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. Trad. por Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p. 133-162.

OLINTO, Heidrun Krieger. Letras na página, palavras no mundo: Novos acentos sobre estudos de literatura. *Palavra*, Rio de Janeiro, n. 1, 1993.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.